

001	BR6002046
002	1/1
003	
004	N
005	
006	
007	
008	E/50/B/M/V
1	
009	M
100	Duque, J.G.
110	Secretaria da Agricultura, Viação e Obras Públicas, João Pessoa,
	PB (Brazil)
111	
200	
201	
210	
211	
213	
230	O homem e a produção &(&População rural; Desenvolvimento comunitário; Paraíba; Brasil&)&
231	
250	
300	
310	
320	
401	João Pessoa, PB (Brazil)
402	
403	1941
500	26 P.
600	
610	
620	/G514
2	
009	
230	
231	
320	
403	
500	
610	
\$	
950	
965	Sociologia rural; Brasil; População rural; Desenvolvimento comunitário; Paraíba
967	
970	
985	
987	
990	
993	
994	
995	
996	
997	
\$\$	

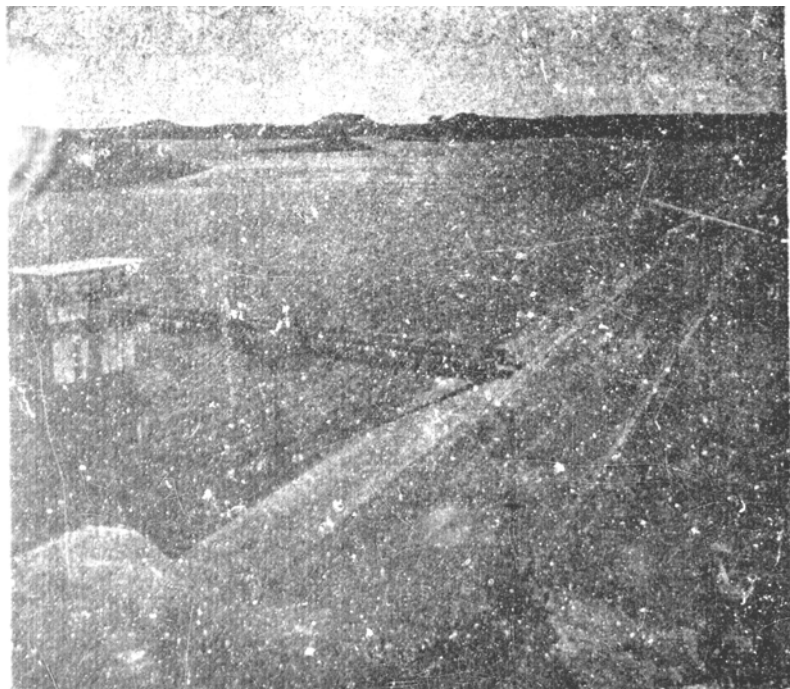
Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

JOSÉ GUIMARÃES DUQUE

O HOMEM E A PRODUÇÃO



a parcial do açude S. Gonçalo, da I. F. O. C. S., no Município paraibano

SECRETARIA DA AGRICULTURA, VIAÇÃO E OBRAS PÚBLICAS

SERVIÇO DE PUBLICIDADE

João Pessoa - Estado da Paraíba - Brasil

SERVIÇO DE PUBLICIDADE
DA SECRETARIA DA AGRICULTURA

J. Pessoa - Estado da
Paraíba

BRASIL

Livros técnicos publicados
na presente série:

I - Organização do Fomento
Agrícola

II - A Carnaubeira, pelo
agr. Pimentel

III - O Algodoeiro Mocó,
pelo agr. Carlos V. Faria.

IV - O Homem e a Produção,
agr. José Guimarães Duque.

Em preparo:

V - Possibilidades Mineroló-
gicas da Paraíba, pelo dr.
Leon François Leon
Clerot.

SERVIÇO DE PUBLICIDADE

João Pessoa — Estado da Paraíba — Brasil

O HOMEM E A PRODUÇÃO

PELO AGRÔNOMO

JOSÉ GUIMARÃES DUQUE

Secretário da Agricultura Viação e Obras Públicas

ESD
DUQA



O HOMEM, O MEIO E OS PROBLEMAS CONTEMPORANEOS

Os últimos 10 anos da nossa vida político-administrativa caracterizam-se pela reforma e pelo avanço acelerado da legislação e organização trabalhistas. A identificação profissional, regulamentação do trabalho, assistência, a previdência e a sindicalização são as colunas mestras desta legislação social, urbana. E' muito interessante analisar a influência que estas leis teem e terão sôbre o ruralismo.

Hoje temos 2. 562 sindicatos, 16 uniões e 22 federações de empregados e empregadores nas cidade e nas indústrias, abrangendo um total de 2 milhões de operários e profissionais urbanos industriais, liberais e funcionários arregimentados dentro de uma população urbana de 12 milhões de habitantes.

Todos eles estão amparados por leis, com direitos definidos, com assistência médica e hospitalização, com seguro de acidente, resguardados na velhice com aposentadoria ou montepio garantidos. E o chauffeur, o bancário, o o marítimo, o funcionário e industriário, etc., estão unidos em classes para defenderem os direitos que a lei lhes conferiu.

As caixas de pensões a aposentadorias arrecadam numerário da circulação e o seu patrimônio, em 1938, subiu a 1 milhão e 400 mil contos, com um receita anual superior a 560 mil contos e um movimento de títulos de renda acima de 584 mil contos.

Neste mesmo ano as aposentadorias pagas fôram maiores de 62 mil contos e as pensões ultrapassaram 25 mil contos.

Além dos grandes bancos que financiam o comércio e a indústria, temos ainda 19 estabelecimentos de crédito urbano com 8. 000 associados e capital de 2. 500 contos, fóra as cooperativas de consumo. Achamos muito louvável e humano este amparo que recebe o homem da cidade e estamos certos de que êle representa muito progresso, mas pedimos licença para comparar a situação do ruralismo com o urbanismo, tomando como índice não só o poder associativo, mas também o cultural e econômico.

Para uma população rural de 32 milhões de habitantes 3 milhões de trabalhadores, existiam em 1937. 402 cooperativas agrícolas, extrativas e de pesca, com 38. 500 sócios e 7. 700 contos de capital realizado. 19 bancos de crédito agrícola com 5. 900 contos e 40 caixas rurais com 12 mil contos de capital.

E' frisante o fato de que a legislação, a aglomeração nas cidades facilitaram a associação, a cooperação, a alfabetização e o financiamento, ao passo que a distância, no campo, e a falta de

pensamento uniforme entre os camponeses geraram o isolamento, o conservantismo e a desunião da classe rural.

Esta disparidade resultou num desequilíbrio entre o urbanismo e o ruralismo e contribuiu para que o sertanejo alfabetizado corra para a cidade em busca de uma facilidade de vida e progresso ilusórios; a cidade cresce dia a dia com uma parte da população pobre que não encontra trabalho certo porque não temos indústria na escala desejada; a produção é deficiente, o lucro ínfimo e o mucambo surge como solução provisória, a cidade cresce artificialmente, a renda pública não é bastante para construir esgotos, calçamento, luz, água; o transporte complica-se: a higiene é precária porque esta fração da população não tem hábitos de viver coletivamente, nem tem padrão de vida à altura das capitais. E aumenta, cada dia, o número de desocupados nas praças, à procura de empregos públicos.

Enquanto a anomalia vai se intensificando nas ruas, o desânimo causado pela falta de estímulo e de elementos de trabalho invade os campos; a seca e a dificuldade de exportação completam os fatores que nos conduzirão no desnível tremendo entre o ruralismo e o urbanismo, nos próximos anos.

As causas deste desequilíbrio são estas: além do amparo ao trabalhador da cidade nós temos a falta de elementos de trabalho e assistência ao camponês, falta de ensinamento prático ao cabôclo e sua mulher, probabilidade de emprego público, falta de cooperação estreita no ruralismo, falta de uniformidade de pensamento, falta de combustível barato para mecanizar a lavoura, alfabetização em massa sem o contrapêso do ensino profissional industrial, poucas fábricas nas cidades para dar ocupação às famílias pobres e elevar a receita pública, a ausência do ensino de artes e ofícios, principalmente mecânica, pois nós estamos na era das máquinas.

Não advogamos para a gente rural a mesma forma de auxílio e amparo que existe para o trabalhador da cidade. É impossível. A natureza da labuta no interior, as distâncias, a mentalidade, tudo isto obriga-nos a formar uma amizade sólida com o fazendeiro, a criar uma atmosfera de cooperação estreita, e a fornecer-lhe máquinas, assistência, ensino profissional em grau elementar, sementes, reprodutores e estradas. Só assim compensaremos, tanto quanto possível, o nosso atraso e o desequilíbrio social.

Os problemas do ruralismo e do urbanismo precisam ter soluções diferentes porém que se completem, que se justaponham e se harmonizem no quadro nacional, tanto no sentido cultural, como no social e financeiro. Não existe no campo e nem na capital aquela correlação tão desejada da cultura intelectual com a economia. Na economia nacional falta a viga mestra o arcabouço de toda a produção independente: não há a agricultura de alimento básico – o trigo – e falta a indústria pesada de ferro e aço; no ruralismo predomina o analfabetismo técnico, nos meios urbanos predomina o intelectualismo espiritualizado, a ausência das ciências exatas aplicadas à realidade brasileira: a matemática, as finanças, a economia. Recebemos dos nossos antepassados uma questão econômica e um problema cultural correlatos para resolver. A nossa herança foi somente de sangue, não

nos transmitiram nenhum patrimônio financeiro em bases sólidas e nenhuma cultura generalizada de ciências positivas que devêssemos Salvarguardar.

Observando o país como um todo, de um relance, vemos no ambiente agrário uma monocultura de sobremesa — o café e nas capitais a monocultura profissional liberal. Além da educação unilateral, da a dilação dos problemas, além dos fatores históricos, a nossa pobreza, a eterna anemia, impediu há mais tempo a formação de bons técnicos, bons agrônomos e químicos industriais, porque êstes necessitavam de escolas verdadeiras, caríssimas, e, para se estabelecerem, careciam êstes técnicos de capitais fixos e circulantes superiores a 200 contos, enquanto que o diplomado noutra profissão ganha suficiente com o seu capital intelectual somente. Neste ponto o indivíduo resolveu o seu problema, mas a coletividade rural e urbana foi lesada no seu patrimônio, na estabilidade do seu progresso futuro.

Independente da influência da guerra, há uma crise agrícola que se acentua de ano para ano e, afóra os fatores inerentes no meio rural, há ainda o reflexo da situação das populações periféricas do país.

Podemos sintetizar o padrão de vida do nosso agrário com as seguintes perguntas: - Por que razão o sertanejo que possui bens do valor de 100 contos anda de alpercatas e o cidadão da capital que possui a mesma quantia passeia de automóvel? Por que razão o fazendeiro vive quasi igual ao seu operário? Por que êle luta tão tenazmente para vender produtos baratos, ainda que sejam os de 1.^a necessidade? A mentalidade das classes superiores, urbana e rural, tem de ser corrigida para a estabilidade nacional e uma mentalidade diretriz de fundo positivo, real, econômico e cultural tem de ser formada com elevado espírito público, isto se nós quisermos subsistir futuramente como povo dono de si mesmo. Não nos esqueçamos que o emprêgo da ciência na arte da guerra tornou impossível aos povos pobres defenderem a sua liberdade. A reorganização das nossas populações internas e periféricas no sentido da produção econômica e da cultura positiva uma questão de vida e morte. Os problemas da atualidade envolvem todas as classes, enfeixam, numa só corrente, a indústria e o comércio com as suas populações e, na complexidade caleidoscópica e repentina dos acontecimentos atuais, - uma nova ordem de cousas vai surgindo sem que possamos ter uma visão panoramica do futuro. A ciência física progrediu mais do que a política administrativa: a existência humana foi modificada numa orientação materialista, sem que houvesse tempo de preparação social, sem que a solidariedade e a cooperação humanas completassem o quadro nas relações do indivíduo para com o Estado, a sociedade e a classe. Dependemos materialmente uns dos outros e anseamos continuar no divórcio das idéias, na indiferença da administração e da sorte da comunidade de que somos parte indivisível. O rádio opera maravilhas, o avião transporta homens e correspondência num instante, o fio artificial modifica o ambiente, etc., mas uma resolução governamental demora muito a ser executada, o auxílio mútuo não é um fato, difícil conseguir o entendimento, para a harmonia e a cooperação necessárias, em-

tre o cientista, o industrial, o fazendeiro, o comerciante e o professor. Póde a ciência, a técnica continuar na sua marcha triunfal, póde a velocidade atingir os limites do absurdo, apareça a transmutação dos elementos químicos, mas enquanto solidariedade e a cooperação não ditarem leis compensadoras para a sociedade nós não adicionaremos nem uma gôta de bem estar na taça da amargura humana.

A nossa civilização caracterizou-se pelo estudo profundo e pelas invenções físicas, químicas e mecânicas, de modo fragmentado e disperso, sem olhar os efeitos destas novidades sôbre o modo de viver do agregado humano. O homem desceu muito na análise e não foi capaz do subir na síntese. Vemos na agricultura a preocupação com algumas minúcias do sólo e da planta, mas não temos tido a visão elevada de reunir, coordenar, assimilar conjuntamente os dados da investigação científica, esparsos, sôbre as plantas, a terra, os animais, o camponês e tirar de tudo isto uma resultante; o bem estar relativo que merece a população do campo.

Não desprezamos o conhecimento diário que a ciência nos proporciona ora num assunto ora noutro; lastimamos somente que êste progresso de minúcias não tenha sido mais aproveitado no plano geral da agricultura. O progresso rural não é o avanço num setôr, mas a resultante do adiantamento de todos os fatores componentes, sintetizados, da vida no campo. De todas estas condições variadas, a menos conhecida, a mais atrasada no seu estudo, é o elemento humano.

A tendência do exame detalhado dos fatos, a mania da dissecação que conduz á minúcia diminuindo o raio de ação, a inclinação da época em subdividir tudo, resultaram na formação de um clima contrário á formação do moço de visão larga com qualidades de ADMINISTRADOR. Quanto mais o indivíduo desce menos o seu olhar alcança. Existe no momento uma escassez de administradores, de condutores, de estadistas com cérebros iluminados pela genialidade.

A diversificação da vida, a especialização exagerada da instrução, porque não temos a educação, a divisão da ciência deram em resultado a heterogeneidade dos conhecimentos necessários no indivíduo, a dificuldade de dirigir o agrupamento humano nas suas necessidades, nas suas relações sociais e na dependência material e moral dos seus componentes.

Confessemos que estamos nos tornando pouco a pouco incapazes de administrar, que a habilidade e o saber orientar se tornam cada vez mais difíceis de se desenvolverem em nós por causa do curso que tomaram os acontecimentos, da ciência incontrolada, do hábito de não pensar e do desprezo pelas qualidades do homem.

Os atributos qualitativos do homem fôram nivelados: tanto vale na sociedade o deshonesto, o mau cooperador, o preguiçoso, como o justo, o prestimoso e o trabalhador; o voto do sábio é igual no do analfabeto que desenha o nome.

Com a diversificação da vida aumentaram os pontos de contacto do habitante com a coletividade, ampliou-se a dependência do ser vivo com o meio exterior e o avanço muito maior da

ciência da matéria inerte sobre a biologia fez o homem sentir que periclitava a sua existência orgânica (fome), levou-o a agarrar-se aos bens, no dinheiro, fê-lo ambicioso e egoísta. Surgiu, então, o materialismo individual da era contemporânea.

Não se póde negar que o homem sente, no universo, a deficiência da direção coletiva, que as fórmulas de governo são discutíveis, que a democracia dominante até há pouco longe de ser uma forma ideal do governo era simplesmente uma cultura política. Ele perdeu a FE', lembrou-se do "salve-se quem puder", pensou em si somente, defendeu-se, fez-se individualista e materialista.

Há um anseio mundial de equiparar os indivíduos nos seus conhecimentos e nos seus ganhos, como se nota na legislação e nos programas de instrução. Abafa-se o emergir de uma elite do escol. impede-se a formação de sábios não especializados capazes de conduzir os povos para rumos mais satisfatórios. A vida das formigas é harmônica, perfeita e produtiva, mas elas teem a mestra que é criada em condições próprias para cuidar do formigueiro. A escola livresca e a ciência incontrollada artificializaram a humanidade; o sêr vivo é parte integrante da Natureza e esta não aceita a artifício; forçada, ela desequilibra-se. A ciência não tem sentimento, ela não ouve o grito de Dôr.

Não há produto agrícola em superprodução, no mundo, atualmente: há o sub-consumo; o lavrador luta para vender o seu algodão, enquanto que uma terça parte da humanidade ainda nua; o açúcar e a rapadura consumidos "per capita" estão muito abaixo da ração fisiológica e os cereais produzidos não satisfazem ainda aos famintos, em tempo de paz. O egoísmo, a ambição e a desunião levantaram barreiras á distribuição e á circulação das utilidades entre os indivíduos e entre os povos.

A classe rural, pelo seu individualismo, resultante do isolamento, do conservatismo, da deficiência de recursos, da impossibilidade da aplicação dos princípios da produção rápida e em massa, como na indústria, porque a natureza não gosta de dar saltos, é justamente aquela parte da população que mais sofre o abaixamento do poder aquisitivo das outras populações, diminuição que gera o sub-consumo com o consequente aviltamento dos preços dos produtos, é, enfim, a que mais sente as consequências e os males de cada época.

E' indispensável uma verdadeira confraternização da cidade com o campo, da indústria com a agricultura, do técnico e do industrial, do fazendeiro e do operário com o governo. E' imprescindível que cada homem e cada mulher sinta que é átomo do mesmo corpo, célula que compartilha da sorte do mesmo organismo e que nenhum homem, por mais humilde que se julgue, tem o direito de negar a sua valiosa contribuição na obra ininterrupta do melhoramento nacional.

Pensamos que dentro das fronteiras do Brasil podemos, até certo limite, organizar a produção com a criação de indústrias nas cidades e com o melhoramento da agricultura no sertão. A industrialização deve ser regional, para a transformação da matéria prima fornecer ocupação honesta e patriótica aos desocupados, nos desajustados que não se submetem mais ao re-

gime da lavoura. Entretanto, o estabelecimento de fábricas de capacidade e natureza de acôrdo com as possibilidades locais, deve ser acompanhado, para o seu bom êxito, do preparo dos operários em escolas profissionais industriais e outras de artes e ofícios. Não só os operários mas também o mestre, o chefe de secção devem ser ensinados tecnicamente e preparados moralmente para o trabalho coletivo, para o sacrifício que exige o bem estar geral. O tecelão, o torneiro, o mestre de obras pôdem ser bons profissionais, mas, si êles não fôrem honestos, bons cooperadores, disciplinados, patriótas, valem muito pouco como operários na grandeza nacional. A escola deve tambem reforçar no indivíduo as qualidades morais: a assiduidade ao serviço, a compreensão dos deveres, o espírito público, a disciplina, etc. Dentro do critério das vocações profissionais, tanto quanto possível o filho deve seguir a profissão do pai. A escola profissional, como a de artes e ofícios, tem ainda a função muito humana de tomar o órgão, o abandonado, que não se adapta no campo e transformá-lo em elemento útil para a produção fabril e a sociedade. A industrialização, além de proporcionar maior receita às populações urbanas, fornece também maior renda aos poderes públicos, para melhoramentos, dando conforto que não a teem, maior poder de comprar, mais intensa circulação da riqueza no comércio e, acima de tudo, completa perfeitamente a agricultura no quadro dos valôres econômicos do país. Si o produto é transformado, ele se valoriza e o lucro creditado á nação; si a classe numerosa dos trabalhadores produz mais e tem ganho certo, ela pôde comprar mais e todos são beneficiados.

A fiação de fibras nacionais, a sacaria, a elaboração de adubos, ampliação da indústria mecânica, o gasogênio, o aproveitamento da celulose para papel, o preparo de óleos lubrificantes de mamona, pela desidratação, neutralização, filtração e misturas, o tratamento das tortas diversas para alimentação animal são alguns exemplos dos tipos de indústrias, complementares e suplementares da agricultura, que devemos estimular no Brasil, principalmente no Nordeste.

A par da sincronização que urge dar ao organismo urbano, no sentido social, técnico e econômico, é indispensável ajustarmos e aperfeiçoarmos o sistema rural numa orientação harmonizadora do colôno com o proprietário, dêste com o agrônomo e com a burocracia governamental. O fomento agrícola brasileiro tem sido deficiente pelas soluções parciais e minguadas, porque não temos combustível barato, porque abandonamos o operário, a mulher e o ensino prático, porque não formámos um clima próprio para as idéias em torno dos assuntos principais de cada região, porque não observamos cada fazenda de per si, cada fazendeiro individualmente nas suas qualidades e defeitos e porque, finalmente, nós agrônomos só pensamos em fazer campos de cooperação ali e acolá, sem olharmos os resultados e sem nos preocuparmos com o fatôr HOMEM. O agrônomo tem sido técnico demais, um pouco árido, talvez inhábil.

Devemos compreender que a agricultura é um meio de melhorar o HOMEM e não um fim: que ela tem de um lado a natureza e do outro o material plástico humano; que urge, primeira-

mente, estudar o camponês nas suas condições, nos seus atributos morais e nas suas imperfeições, verificar o que mais gosta, quais os assuntos prediletos individuais. É necessário que faça mos de cada agricultor um amigo que êle prese, cousa que conseguiremos prestando-lhe favores diversos, não discutindo, captando a sua simpatia e confiança, elogiando o que de bom encontrar na fazenda, ganhando-lhe o coração sinceramente para, depois, então começar o trabalho técnico de melhoramento agrícola.

Há um aspecto humano paralelo ao do técnico nas questões do ruralismo. O agrônomo foi armado cavaleiro da grande cruzada com os conhecimentos científicos que adquiriu, mas é indispensável treinar a agilidade na arte de manejar as armas. A técnica não resolve tudo simplesmente pelo fato de que ela não pôde chegar até onde começa a habilidade nas relações humanas.

O agrônomo tem como elementos de trabalho não só a terra, as máquinas, as plantas e os animais, mas também o barro moldável que é o lavrador, no qual tem de imprimir, em alto relêvo, os caracteres sociais da atualidade. O ruralismo é algo vivo. É imprescindível que o técnico complete um indivíduo com outro, reforçando e justapondo eliminando os atritos antes que êles surjam, criando um clima de otimismo e um campo sadio para a frutificação das idéias regionais. Devemos refletir no amargor e na dureza do trabalho da gente rural dia a dia, ano após ano, lutando com a seca e a chuva, a doença e a miséria, se esforça para entregar á nação um pouco de alimento, de algodão e de conforto; no sofrimento da mãe com o filhinho gemendo no leito, alta noite, e o médico muito longe, no sertão sem fim; observemos a mão calosa deste brasileiro que é sobretudo um honesto, olhemos o seu semblante onde as vicissitudes da vida deixaram as marcas profundas da resignação e do estoicismo, sejamos amigos dêste sertanejo levantando-o da humildade degradante com a nossa palavra de estímulo e de assistência, fazendo-o sentir que, na hora atual, êle é também, apesar de anônimo, quasi um herói nacional.

O fazendeiro que passou a vida dentro do seu roçado, que mediu nos calcanhares a sua terra, que sentiu o meio através do suor e das canseiras, que passou pela alegria da bonança e pela tristeza das crises, êle adquiriu um conhecimento local mais pelos sentidos orgânicos do que pelo raciocínio, somente acredita no que vê, é imediatista, é teimoso nas suas convicções, é dogmático nas suas conclusões, crê-se ditador nos seus domínios, pensa pouco mas sente muito, ninguém o vence pela razão na sua prática e no seu trabalho; êle só tem um ponto vulnerável; é o coração. É preciso conquistar o lavrador pelo coração, chegar ao seu cérebro através do sentimento, porque não há outro meio mais rápido para conseguir esta vitória tão difícil.

O funcionário do fomento deve perdoar ignorância relativa do matuto, apreciar mais os seus predicados, não insistir em assuntos que não forem bem aceitos, para evitar as discussões estéreis.

Nós estudamos o temperamento nervoso ou linfático dos animais, as linhas do corpo, a qualidade, os movimentos, etc.,

mas não observamos os caracteres do fator mais importante da agricultura, que é o camponês.

Pelos motivos acima é que o geito e a habilidade nas relações humanas é fundamental no sucesso do fomento da produção. Não há regra: cada homem, cada caso tem de ser tratado de um modo particular, conforme as reações do indivíduo em observação. Não temos tido a paciência e nem criado o hábito de angariar amizades, de formar uma base sólida de conhecimento real de cada indivíduo na região para depois executarmos o nosso trabalho de melhoramento rural.

"Antes de venderes as tuas idéias vendas a tua pessoa", diz o ditado. É interessante notar a rapidez com que o fazendeiro está comprando rádio e **frigidaire** antes de ter instalação sanitária na sua casa. Não será porque o vendedor de rádio e **frigidaire** vai ao interior e é hábil no tratar com as pessoas? O agrônomo deve aprender com o negociante.

Começamos a mecanizar a nossa lavoura sem prepararmos os operários; formamos agrônomos — os generais — sem exercitarmos os operários — que são os soldados. Queríamos fazer uma guerra única no mundo — a guerra só de generais. É preciso que o campo de cooperação, a fazenda e tudo o que nela exista sirvam de centro de interesse onde sejam explicados praticamente, pessoalmente, em conversa amável, sem exhibir sapiência, a razão e o modo porque são executadas as operações.

Nós temos que nos baixar até onde está o homem rural, compreendê-lo erguê-lo em conhecimentos práticos, realizáveis, econômicos, se quisermos organizar a agricultura. A massa humana com a qual devemos formar a nossa agricultura é esta que aí está, não há outra, devemos aceitar o fato consumado e cuidar seriamente do fomento da produção, a fim de obtermos recursos financeiros para outro passo no melhoramento, partindo de baixo para cima.

A falta de ensino adequado no nosso modo de vida de povo rural, a ausência de escolas de estudos econômicos para a elite e o não aproveitamento dos serviços agrícolas federais e estaduais, no sertão, para dar aulas práticas a operários, foram e são fatores negativos do fomento da produção até os nossos dias.

O fomento da produção é ensino, ainda que haja diferença entre a aula numa classe e o serviço de extensão. Na classe trata-se, em geral, com crianças; o fomento cuida de adultos e rapazes. Os exercícios numa classe são conduzidos sob condições controladas pelo professor; no fomento as atividades são orientadas no campo, onde as forças naturais têm jogo livre, sem a roupagem da imaginação e da influência do professor. A escola, encarada na aula, é muito compulsória, ao passo que o ensino no fomento, lidando com homens e trabalhadores, é inteiramente livre e voluntário. O ensino para o estímulo da produção pressupõe a existência de máquinas, animais, campos, plantações, árvores, etc., enfim instalações apropriadas para ser eficiente; não pôde, portanto, ser feito de emergência, á última hora, em escolas primárias ou normais, improvisadas em poucos meses, com falta de material e de pessoal técnico. Devia ser proibido qualquer modo de ensino primário, secundário ou superior, no ser-

tão, que não fôsse verdadeiramente ruralizado. Qualquer serviço agrícola federal ou estadual somente poderia funcionar se utilizasse seus campos, máquinas, animais, plantas, etc., também para fins de ensino prático aos proprietários e operários da vizinhança. Devemos convencer-nos de que a demonstração prática é cara e morosa e que qualquer pessoa não pôde ser professor porque o ensino tem de ser feito com fatos, com objetividade e que o adulto entra em cêna com o seu coeficiente de conhecimentos do ambiente e da profissão, também raciocina e julga a seu modo as coisas e se percebe que não ganha uma utilidade imediata para o seu interesse êle não comparecerá mais. O técnico que se proponha a desenvolver um programa de fomento tem de ser, além de homem muito experimentado, policultor, também um professor e um doador de idéias, qual o propagandista comercial que convence a freguês e fá-lo comprar o seu produto. Daí a necessidade de o técnico acumular as qualidades inatas de simpatia, de atração, de trato cativante, imprescindíveis para formar e manter um largo círculo de amizades e de confiança.

As semanas de fazendeiros, os cursos breves e os campos de cooperação realizados nas escolas agrícolas, nas fazendas de sementes ou experimentais e nos postos agrícolas são meios que muito auxiliarão na obra de levar o ensinamento em forma assimilável á população rural.

E' muito importante que a administração municipal, o agrônomo e o professor primário rural tenham os mesmos pontos de vista, o mesmo ideal e sintam igualmente as necessidades da população. O ensino agrícola em grau elementar, que é o mais necessário no momento, para ser eficiente deve ser rigorosamente regional, lecionado agrônomos e anexo aos estabelecimentos municipais, estaduais ou federais que já existam. Não temos recursos para organizar uma escola dêste gênero, sêja ela primária, normal ou média, em cada região agrícola e que possa atender ao grande número de meninas, meninos e rapazes que precisam aprender. Além disto não professores com tirocínio e competência em número suficiente; portanto, urge lançar mão do agrônomo que pôde e quer ensinar. Nenhuma escola elementar deve dar diploma, para não criar candidatos a emprêgo público; o valor do aluno está na aprendizagem adquirida.

Cremos que nenhuma espécie de ensino sêja mais importante do que a escola rural feminina.

A mulher do campo tem sido muito pouco cuidada. Via de regra aquela que tem recursos vem para a cidade, diploma-se normalista, torna-se professora cidadina, ou casa-se capital, e se volta para o interior e casa com o sertanejo, é infeliz porque sonha com o conforto, com o cinema e os prazeres que o sertão não pôde ainda proporcionar diariamente. A extinção da metade das escolas normais de direito, farmácia, odontologia, etc., nos daria verbas para criarmos aos poucos escolas domesticas, profissionais industriais, normais rurais, primárias rurais e as de economia e finança que as necessidades das populações estão reclamando.

A influência da mulher sôbre o homem, a cada e tudo o

que está em redor desta é muito grande para ser desprezada.

A casa do interior sem árvores, sem quintal e sem aves é o espelho da falta de professor daquêla que a dirige.

A casa, a cozinha, alimento, a roupa, a mobília, o jardim, o quintal e a horta constituem a colmeia da rainha — a mulher, o meio de cultura que gera o homem; mel nutre as gerações; santuário que molda o caráter da família. Fraco ou forte, sadio ou doente, preparado ou inculto, honrado ou preguiçoso será o indivíduo conforme o grau de cuidado, de carinho, de asseio, de estímulo, de exemplo, de alegria ou tristeza e de educação que recebeu da família no lar. Não será, por exemplo, a cooperação uma qualidade humana influenciada pelo grau de harmonia na família?

Si os males do mundo teem, em parte, um cunho moral, não serão êles parcialmente causados pela deficiência educativa da atmosfera do lar, pelo espírito da mulher mais preparada, mais atraída e mais curiosa pelas cousas externas do que pelas internas?

O desvio para a exterioridade, tanto material como espiritual, demais acentuado na atualidade.

Não é fácil desviar a corrente de um rio caudaloso, não simples corrigir os defeitos de uma civilização ou os erros acumulados de uma administração.

Criar escolas para apagar as nódoas de uma época ou emendar as falhas de uma sociedade é como remar contra a corrente, é uma obra sobrehumana que exige unidade de pensamento, a ação do tempo e a esforço continuado de uma elite bem intencionada, sábia, que tenha a coragem de navegar numa canôa em mar revólto.

Aquêles estados ou países que não perceberam as vantagens de uma indústria baseada na matéria prima regional são os que mais sofrem as dificuldades financeiras oriundas das grandes diferenças de valorização dos produtos industriais importados e a desvalorização relativa dos produtos agrícolas. Os artigos manufaturados, importados, subiram do preço mais rapidamente do que as colheitas da terra a população campesina é a mais diretamente prejudicada. Basta compararmos os preços das máquinas agrícolas com o algodão, dos combustíveis com a milho, do café com o dos automóveis, etc.

A vida moderna introduziu novas necessidades e, consequentemente, novos gastos na existência do indivíduo. Para a satisfação dêste já não bastam mais a casa, a roupa e a alimentação: êle exige agora também o automóvel, o rádio, o gêlo, o cinema, e uma infinidade de pequenos objéto de usos variados julgados indispensáveis. Assim a economia individual e, consequentemente, a coletiva fôram profundamente afetadas com esta diversificação de despêsa e a agricultura passou a receber proporcional e relativamente uma quota menor do ganho total nacional. Daí a razão porque, além de muitos outros fatores, a agricultura tornou-se uma profissão menos lucrativa do que o comércio e a indústria, apesar de ser mais estável. O comerciante e o industrial pôdem rapidamente se fazer milionários, como pôdem, com a mesma rapidez, ficar na miséria; o fazendeiro en-

riquece mais lentamente e talvez nunca chegue a ser rico, porém para perder tudo só em caso de crise aguda, de desorientação individual ou de especulação.

A transferência do agrário para a cidade encontra no desejo da fortuna rápida um dos seus motivos fortes.

O fazendeiro que tem cinco filhos e os instrúe acaba abandonando a propriedade; é mais uma célula da produção agrícola que se desorganiza com prejuízo tanto para os seus colônos como para o país. Quando falamos em indústrias nas cidades não as aconselhamos somente para as capitais, mas sim e especialmente para as cidades do interior que tenham energia, transporte e matéria prima especificada em volume satisfatório. É possível dêste modo firmar a marcha para o Oeste, estabilizar os negócios no sertão, aumentar a circulação monetária no interior, atrair os bancos, deixar ali resíduos para adubação do sólo, alimento para o gado e dar ocupação á gente não agrária da região.

A rapidez crescente nos transportes beneficiou sem dúvida a agricultura, porém ela provocou um desenvolvimento muito mais intenso entre os grandes centros onde estão os homens de negócios, o capital, a indústria; hipertrofiou determinadas capitais em detrimento de outras, criou problemas novos inatendíveis no momento e, como a água que corre para o mar deixando a terra sêca, o ruralismo vai perdendo o seu melhor elemento, a sua energia, o seu sangue, com prejuízo para o organismo nacional. Com o alargamento do horizonte, ocasionado pelos transportes rápidos, desapareceram, aparentemente, os limites não só geográficos mas também ecológicos, sociais e financeiros que caracterizam as zonas de produção, destruíram-se as idéias sobre os problemas regionais que não podem ser esquecidos porque deslocam as populações, rompe-se o equilíbrio dos agregados humanos em face da produção e do consumo, da riqueza e do conforto, incentivando o homem, na procura da linha do menor esforço, a buscar outras acomodações de vida muitas vezes boas para êle, mas inconvenientes para a coletividade. A estruturação regional, não política, porém agrícola, industrial, comercial das populações num todo harmônico, dentro das fronteiras nacionais, é de uma necessidade absoluta. Somente ela poderia dar-nos a facilidade de resolver as questões, levando-nos a prosperidade que carecemos. Confundimos a unidade política nacional indispensável com a unidade educacional, agrícola, industrial, etc. que não pôde subsistir sem o caráter regional obrigatório que o meio ambiente impõe ao homem.

O pensamento político deve ser uno e indivisível dentro do país, mas a vida física, social, econômica, educativa tem de obedecer á ecologia das regiões para poder subsistir harmonicamente.

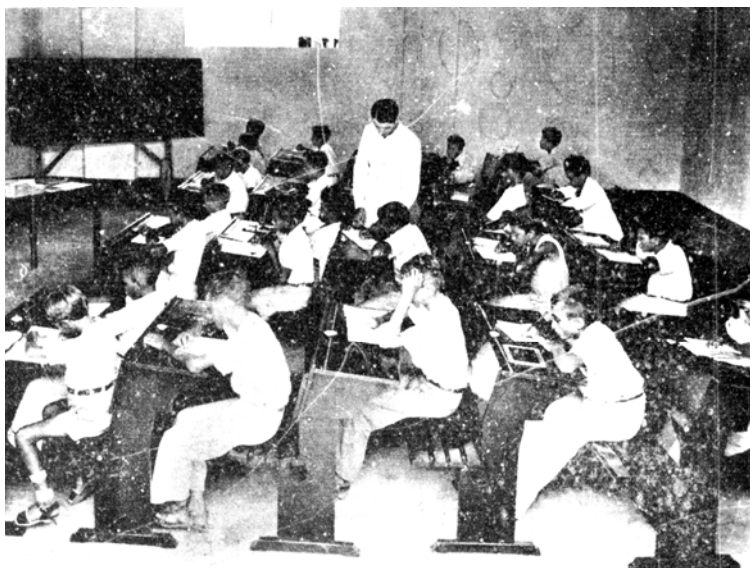
Não basta o estudo da produção em função das populações. Não podemos passar pelo crivo da indústria todo o volume das nossas colheitas; lançados na grande corrente universal dela devemos receber e dar utilidades sempre com um saldo a nosso favor. Apesar de que o meio estrangeiro está fóra da nossa influência direta, ainda que os males da época tenham um fundo moral irremovível no momento, não podemos prescindir da cola

boração de outras nações no nosso progresso. As relações internacionais, alterando a ordem dos fatores econômicos e financeiros, introduziram mais uma incógnita na nossa equação: vender. Não é suficiente extrair o fruto da terra, não é mais a colheita em Ks. por Há., não é somente o custo da lavoura que determina, hoje, a explorabilidade, o valor econômico de uma espécie cultivada. Há a considerar a rapidez e a facilidade com que ela é transformada em moeda ou permutada por outro bem. A técnica de transportar e a arte de vender bem, equivalem à ciência de produzir, na atualidade. Distribuir a riqueza criada - eis uma grande questão moderna. Produção estagnada é fator de desorganização financeira e de anemia econômica.

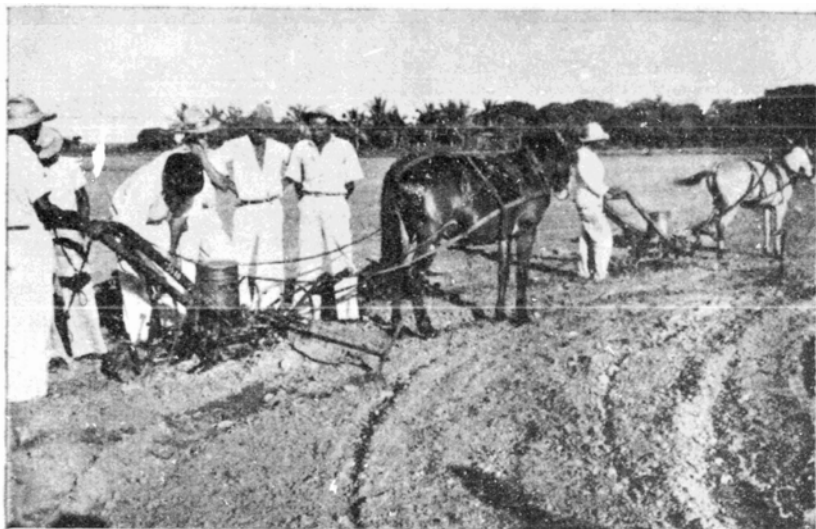
As relações entre os povos, seguindo a concepção materialista da época; passaram do domínio político para o campo comercial; enriqueceram-se as nações que cêdo compreenderam esta verdade.

O segredo do sucesso norte-americano, alemão e russo está no fato de que os seus embaixadores são homens de negócios vestidos de diplomatas. O financista, o homem de negócios, as túdo, habilidoso, que desenvolveu por força da função o chamado "sexto sentido" é o grande diplomata do momento. Se quisermos desenvolver a exportação dos nossos produtos coloquemos no estrangeiro os representantes do comércio, homem bem escolhidos, decididos e dinâmicos, inteligentes e argutos, que êles suprirão as falhas da nossa diplomacia ilustrada e política, porém que não sabe vender.

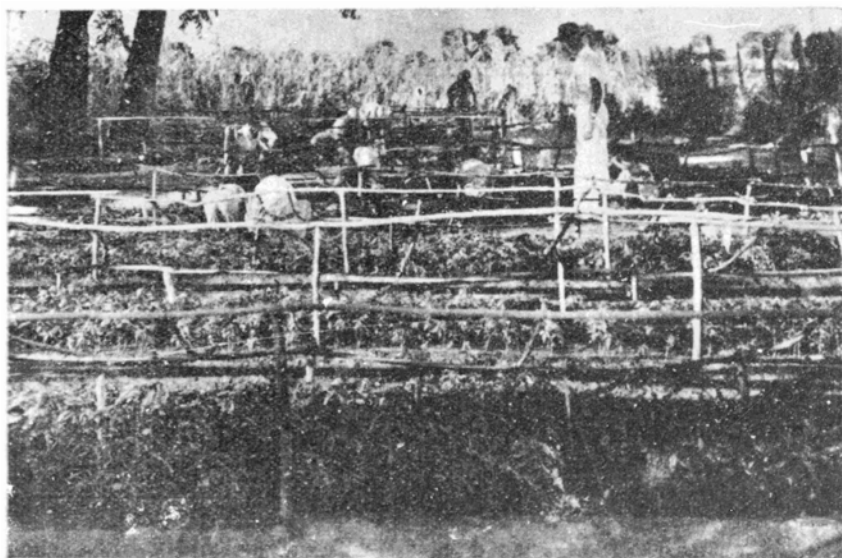




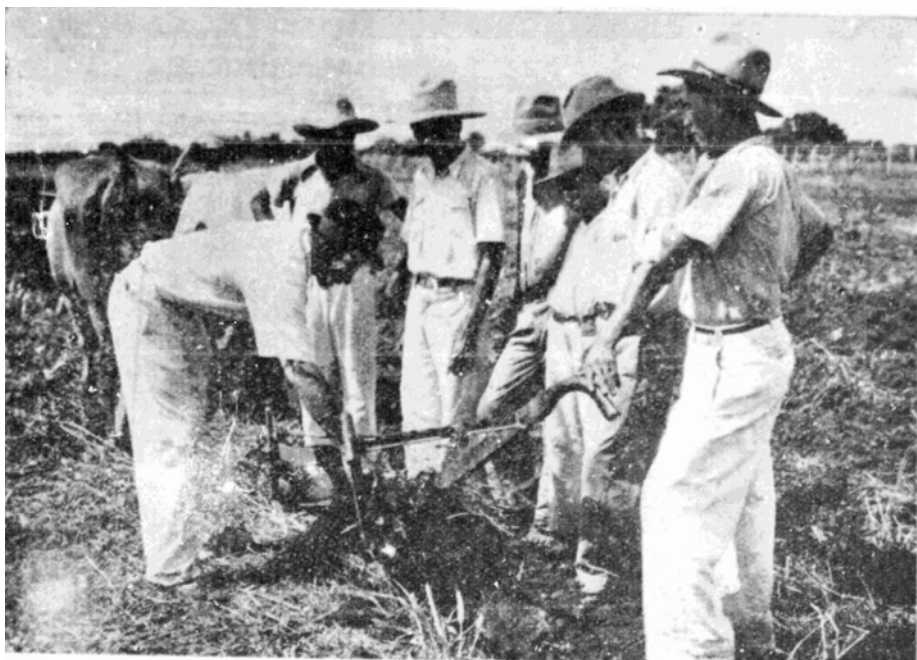
COLA DE CONDADO (I. F. O. C. S.) —Aula de Alfabetização aos filhos de funcionários e operários



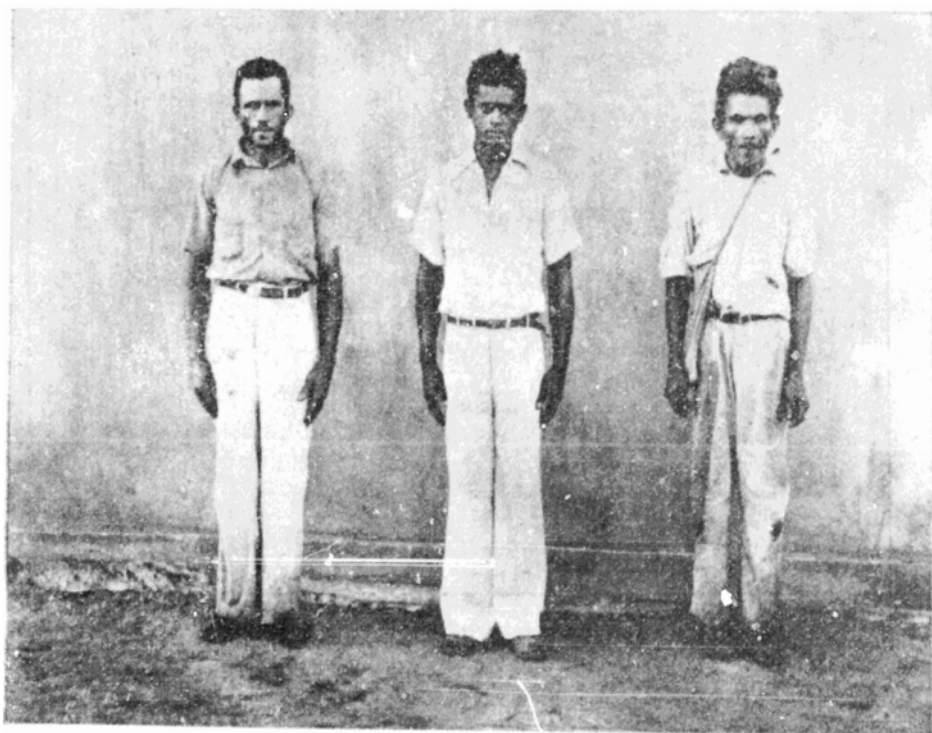
Ensino de plantação mecânica para operários do Posto de S. Gonçalo
(C.S.C. da I.F.O.C.S.)



Aula prática de agricultura para meninos (Pôsto Agrícola de S. Gonçalo) –
(C. S. C. da I. F. O. C.S.)



Aula prática de agricultura para operários do Pôsto Agrícola de S. Gonçalo
(C. S. C. da I. F. O. C. S.)



Paraibanos nascidos no sertão, com característicos do europeu, do africano e do
indígena. (Pôsto Agrícola de S. Gonçalo — C. S. C. da I. F. O. C. S.)



SANEAMENTO E COLONIZAÇÃO DE CAMARATUBA — Trêcho do rio
já desobstruído

O QUE SERIA ACONSELHÁVEL NA PARAÍBA

Ensino Rural — Dentro do plano de ensino no Estado pensamos que seria conveniente incluir os seguintes itens:

1 - Criar uma escola normal rural feminina em Souza, na bacia de irrigação de São Gonçalo, para formar professoras rurais e donas de casa.

2 - Fundar uma escola primária rural para ambos os sexos no posto Agrícola de Condado.

3 - Organizar um curso de artes domésticas para moças na E. A. N. — Areia.

4 - Um curso prático para operários na Estação de Alagoinha (o agrônomo Josué Pimentel deseja colaborar com o Estado neste assunto, conforme nos declarou).

5 - Fazer anualmente um curso breve, de uma semana, para fazendeiros do sertão exclusivamente, no posto de São Gonçalo e outro em Condado. Os agrônomos e técnicos dos municípios de Patos e Cajazeiras farão este trabalho em cooperação com os colegas dos postos agrícolas acima.

6 — Fundar uma escola profissional industrial ou de artes e ofícios em João Pessoa, fazenda Simões Lopes, utilizando-se da oficina central do Estado - para a aprendizagem da parte mecânica. (Assunto das atribuições da Secretaria do Interior).

FOMENTO DA PRODUÇÃO

Este trabalho será articulado tanto quanto possível com o ensino rural, o cooperativismo e a classificação dos produtos.

O Estado deverá ser dividido em 3 (três) regiões.

1.ª Região — Compreendendo toda a zona do litoral até Campina, com o Agrônomo Chefe em João Pessoa, um agrônomo ou um técnico em cada município, os quais farão o fomento da cultura de cereais, da pecuária e forragens, das frutas, do algodão e da cana.

Os encarregados deste Serviço serão contratados e pagos pela Secretaria da Agricultura, um para cada município. Cada um terá seu animal arreado para transporte, haverá um caminhão para atender a região e transporte do chefe e as máquinas serão anualmente reparadas nas oficinas em João Pessoa. Cada agrônomo ou técnico deverá providenciar a organização dos campos de cooperação com particulares, não maiores de 40 Ha, em cada fa-

zenda, fazer a estatística geral da produção, anotar as necessidades de cada propriedade e as observações sobre cada fazendeiro, sua família e moradores, avisar ao chefe nos casos de doenças de plantas e dos animais, enviando material para estudo, auxiliar a criação do espírito cooperativista nos lavradores e nas escolas e a organização de cooperativas, evitar a distribuição de sementes ruins e aproveitar as oportunidades para explicar, nos campos de cooperação das fazendas, a razão de ser das operações agrárias aos colônos e aos meninos das escolas.

Será instalada nesta região, no melhor ponto, uma fazenda de criação de reprodutores que, como o posto de Umbuzeiro, fornecerá reprodutores nos particulares.

Os relatórios serão enviados trimestralmente ao chefe regional e este enviará o seu à Secretaria da Agricultura, com os dados apurados.

2.^a Região — Abrangerá o Cariri, com o centro em Soleda de, onde será criado um serviço com instalações próprias para seleção do mocó, do verdão, estudo do caroá, da agave, de forragens, um posto de mota de bovinos, caprinos, cavalares e muares, com um Agrônomo Chefe para esta região, dispondo de um caminhão e de um auxiliar em cada município, auxiliar que terá transporte a cavalo. Em cooperação com os Serviços Complementares da I. F. O. S. esperamos aproveitar o açude Soledade para lavoura seca, á montante, com lavradores pobres, tanques de criação de peixe para introdução nos açudes particulares e públicos da região. O Cariri é uma zona muito seca e muito pobre, até hoje desprezada.

A agricultura ali será composta de espécies resistentes às secas: algodões mocó e verdão, caroá, agave, cactus forrageiros, forragens para fenação e umbú. Em todas as zonas secas do Nordeste, a única fruta que pode produzir sem irrigação é o umbuzeiro, na chapada da Borburema. Pensamos que esta planta deve ser estudada, enxertada, melhorada, aumentando o tamanho, a polpa e o teor de açúcar do fruto, de modo que ele possa ser secado, em balado e consumido em toda parte da região nordestina. O umbu poderá ser ainda a ameixa do Nordeste.

Os técnicos que trabalharem no Cariri terão as mesmas obrigações de fazer campos de cooperação, auxiliar o controle das sementes plantadas, ajudar o cooperativismo e o ensino, verificar as necessidades de cada fazenda, fazer estatística da produção e pecuária, remeter material para estudo ao chefe, etc. Os relatórios, organizados trimestralmente, serão enviados ao chefe e um resumo apurado destes será mandado à Secretaria da Agricultura;

3.^a Região — Compreenderá o Sertão, a partir de Patos até Cajazeiras. O agrônomo chefe residirá em Pombal, com um auxiliar em cada município, um caminhão para atender toda a zona e transporte em animal dentro de cada município. Os postos agrícolas de Condado e São Gonçalo serão os pontos de apoio deste Serviço, com os quais o Agrônomo Regional trabalhará em acordo e harmonia; estes postos, além de serem os centros de reuniões de fazendeiros, fornecerão mudas, sementes e reprodutores criados aí, como já existem, para os fazendeiros. As máquinas do fomento estadual poderão ser concertadas

na oficina de São Gonçalo, sem necessidade de virem João Pessoa. No sertão devemos incrementar o mais possível o plantio do mocó, da carnaubeira e da oiticica enxertada, bem como dos cereais nos baixos úmidos, não irrigados. Os funcionários do fomento, no sertão, não devem limitar-se no algodão e sim incrementar a cultura racional de todas as plantas econômicas adaptadas àquela região.

O fiscal de prensa do Serviço de Classificação de algodão providenciará para que não seja plantada a semente ruim ou misturada. As atribuições do técnico do fomento, no sertão, serão também auxiliar o cooperativismo, fazer boa amizade com o fazendeiro, levá-lo às reuniões nos postos, dar lições nos campos de cooperação sempre que for possível, encaminhar pedidos de máquinas e outras coisas necessárias ao fazendeiro, etc.

COOPERATIVISMO

Talvez não haja na língua portuguesa um verbo de maior significação social, atualmente, do que COOPERAR.

Póde parecer uma utopia pregar o auxílio mútuo a uma classe dispersa, individualista e iletrada: porém, se ela não é capaz de se unir para defender os seus interesses merece desaparecer e com ela a produção. Toda a dificuldade da cooperação esbarra na forma elevada de trabalho, incompreendida por uma população ignorante, pobre, sem os recursos para constituir o capital inicial de uma cooperação.

O intermediário que compra do fazendeiro, faz estoque e espera preços altos é o maior inimigo do cooperativismo. Ele tem capital, seus amigos, empresta dinheiro ao lavrador e, portanto, quebra com facilidade os elos ainda fracos da cooperativa; em início, quando os associados, desconfiados, não depositam na entidade toda a confiança do que ela precisa para vencer. Nesta hora o concorrente; o intermediário, intriga os homens, lança mão de velhas inimizades políticas entre as sócios, semeia a discórdia e cái a cooperativa. Outro ponto importante é a administração e a honestidade dos responsáveis pela associação. Não é fácil n'uma zona reunir 4 ou 5 homens que entendam do assunto, tenham força moral sobre os associados, sejam probos e estejam dispostos a trabalhar não só para si, mas também para os outros.

Por estas razões o cooperativismo pressupõe o preparo do indivíduo, a formação de idéias claras sobre os assuntos a resolver na região, sobre as questões mais vitais que ligam a sorte de um lavrador a outro, enfim, ele surge da necessidade. Nada adianta eleger uma diretoria, fazer atas e contar mais uma cooperativa na estatística do Estado.

Em geral a importância e quotas que cada lavrador pode entregar a uma associação desta natureza é pequena para formar um capital capaz de, nos primeiros tempos, financiar o volume da safra e fazer a sua venda ou distribuição. O hábito da venda "na fôlha", o que prova a deficiência de recursos, obriga a sociedade a desembolsar uma quantia respeitável e por praso mais ou menos longo, o que conduz ao financiamento parcial, in

completo, e, portanto, precário, falho para preencher os seus fins.

Os chauffeurs são capazes de se unir, manter uma associação e de se defenderem; os lavradores, que teem terra, gado, instalações, são inhábeis para se congregar e tirar do auxílio mútuo os valiosos proveitos. Um exemplo típico da carência do cooperativismo é a questão da rapadura no Brejo da Paraíba. O total da rapadura produzida em 38/39 atingiu 15 milhões de quilos, no valor de 6 mil contos. No entanto, o rapadureiro vende o seu produto pelo preço que lhe oferecem, porque precisa de dinheiro e o intermediário ou negociante o armazena e vende com lucro, seja ele pequeno ou grande. Por que razão os homens de engenho não se unem para, além da produção, também distribuir e vender a rapadura, ganhando este lucro? Um produto desvalorizado, que traz crise a uma região e cujo valor anual é de 6 mil contos, merecia dos que dêle vivem mais um pouco de pensamento.

Poderia alguém lembrar que se introduzisse outro ramo agrícola no Brejo em lugar da cana, mas, e o capital particular invertido nas instalações? Podíamos pensar na instalação, de acordo com o Instituto do Alcool e Açúcar, de uma destilaria para álcool motor, aproveitando a cana, mas, e o transporte desta cana para a central, naquela região montanhosa e de culturas distantes? O problema da rapadura só tem uma solução, e esta solução foi encaminhada: organizar uma cooperativa dos rapadureiros e o Governo dar o auxílio que fôr possível. Como n'uma cooperativa a Diretoria escolhida em assembléia, nem sempre os mais capazes são eleitos ou querem trabalhar para a coletividade. Outra forma interessante que vai surgir é a cooperativa de irrigante nas bacias de irrigação dos grandes açudes. Ali todos estão juntos, há cultura intensiva, pôde haver mais, fiscalização e assistência técnica e há mais possibilidade de o trabalho prosperar. As cooperativas já existentes na Paraíba precisam de reorganização, de auxílio financeiro, de fiscalização contabilista na escrituração e de mais interesse dos seus associados.

O cooperativismo isolado realiza muito pouco: São necessários a assistência técnica junto no ramo agrícola explorado, a máquina, o conhecimento moral dos homens componentes, etc.

PECUA'RIA

A pecuária paraibana merece muita atenção do Governo. O estudo do problema forrageiro, das raças e sua adaptação, dos cruzamentos, das moléstias e dos parasitas são pontos importantes da criação.

A criação de reprodutores para venda, desde os bovinos até as aves, significa uma grande facilidade para o criador que deseja adquiri-los com a garantia da qualidade.

No melhor ponto aquem Borburema deve ser instalada uma fazenda estadual de criação para reprodutores. Si possível este local deve ter condições favoráveis para seleção e cultura de cereais.

O nosso gado nativo, adaptado secularmente às nossas condições mesológicas, está desaparecendo rapidamente no cruzamento desordenado com outras raças. Urge escolher algumas rezes das mais representativas do gado creoulo, isolá-las, estudá-las para termos material valioso nos cruzamentos futuros. Uma raça leiteira para o Nordeste, por exemplo, precisa ter sangue creoulo para a adaptação, sangue de zebú para a resistência e tamanho e sangue holandês para a produção. Os graus de sangue destas três raças, no cruzamento mais econômico, falta ser que determinado.

Entretanto, há outros meios para a obtenção de animais leiteiros.

A pecuária de corte, que é a mais importante para o sertão, deve ser iniciada pela obtenção e conservação da forragem para o tempo seco e no cruzamento de raças indígenas, asiáticas e européas, tendo por fim o máximo rendimento de carne e a maior resistência física.

A fenação dos capins nativos, o plantio dos cactus, a construção de açudes particulares para ter capins verdes durante a seca são os meios mais fáceis e de completar o carço do algodão na alimentação do gado.



SANEAMENTO E COLONIZAÇÃO DE CAMARATUBA Outro aspecto do rio,
na parte já desobstruída



SANEAMENTO E COLONIZAÇÃO DE CAMARATUBA — Turmas de operários, em
trabalho de desobstrução, no riacho do Valentim



SANEAMENTO E COLONIZAÇÃO DE CAMARATUBA — Turmas de trabalhadores desobstruindo o riacho Pitanga, em plena floresta

SANEAMENTO E COLONIZAÇÃO DOS VALES DO LITORAL

Colonização — Dêsde o século 19, quando começou a alargar-se a lavoura extensiva e braçal do café, da cana e, mais tarde, do algodão, os fazendeiros pensaram em conseguir homens para as suas culturas. Poucos países podiam produzir colheitas tropicais; a procura nos mercados era grande e não havia gente na escala desejada. Apareceu o comércio nêgro como necessidade de desbravar a mata e na terra virgem plantar tudo para as necessidades locais e cana, café, cacáu, algodão, para exportação. Mas, a aquisição do braço preto demorou pouco; surgiu, então, o recurso, havia muito tempo pensado, de trazer, dos países superpovoados da Europa, famílias que viessem trabalhar nas nossas terras de parceria nas grandes fazendas, ou como pequenos proprietários, ou ainda como operários de aluguel.

Nem sempre foi feliz a colonização estrangeira no Brasil, por falta de seleção dos elementos importados, tendo mesmo, em certas ocasiões, sido aceita a escória das cidades em vez dos bons agricultores de que precisávamos. Além disso, a lavoura tropical era e muito diferente na exigência de conhecimentos locais e técnicos, que o europeu e o asiático desconheciam; a região e os hábitos sociais dos alienígenas eram chocantes aos olhos brasileiros e não houve aquela preparação indispensável e o estudo imprescindível das qualidades da família e de um sistema escolar nacional capaz de não só selecionar, mas também de assimilar, o mais depressa possível, o homem de fóra. Não queremos dizer que todas as tentativas de colonização estrangeira tenham constituído um fracasso ou um problema no Brasil. Houve algum sucesso, mas muito "cabra ruim", com o rótulo de colono, aqui veio, como intermediário comercial, explorar o labor alheio, com o fim exclusivo de se enriquecer. Muitas idéias políticas e religiosas vieram germinar aqui dentro, na massa ignorante e ingênua dos brasileiros. Não resta dúvida que o bom colono português, espanhol e italiano trouxe para o país o estímulo, o exemplo do trabalho agrícola intensivo, de aproveitamento da terra palmo a palmo, disseminou a cultura e o consumo mais largo das hortaliças e das frutas, criou o clima adequado a uma policultura regional e lançou as bases para o aproveitamento dos produtos secundários da lavoura e pecuário, de onde nasceram as nossas indústrias de laticínios, de conservas, de cortumes, etc.

Tendo começado tão cedo a receber gente estrangeira, era natural que o Brasil não conhecesse as lições, que só a tempo lhe

ensinou, isto é que o alemão é fraco nos trópicos, que o inglês destroi para colonizar, que o asiático insola-se do ambiente em tórno, não participando espontaneamente da vida e do progresso nacionais, e que somente os da península ibérica fixam-se fisicamente, moral e espiritualmente á terra adotiva, possuindo uma capacidade admirável de assimilação dos nossos costumes, de apêgo ás nossas tradições, compreendendo melhor o nosso sistema de governar e de viver.

Hoje, as grandes colonizações estrangeiras ou migrações de povos encerraram seu ciclo com as dificuldades de ordem política: as reivindicações das minorias.

A liberdade e os direitos do homem, a abolição da escravatura, o desenvolvimento da indústria, a guerra alfandegária, as novas idéias políticas obrigaram cada nação, defendendo seus interesses, a tornar-se mais nacionalista. O Brasil não podia fazer exceção. Nacionalizou-se, e fez bem. Devemos produzir tudo que pudermos, e industrializar tudo que produzirmos.

O que se observa é que o homem evoluiu no modo de pensar, de governar e de produzir. Passou do privilégio das classes nóbres antigas sôbre os plebeus, para o individualismo da Revolução Francêsa, e chegou ao coletivismo contemporâneo, em que só as grandes massas teem valor; saiu do reinado para a democracia, e criou o totalitarismo; veio da produção manual para a industrial em massa, onde a máquina é tudo e o homem nada.

Politicamente o indivíduo desapareceu, mas, biologicamente, êle surgiu, exigindo, como sêr vivo, o seu alimento, a sua parcela de conforto, um lugar ao sol e na terra. Nacionalismo, coletivismo e individualismo, eis as questões sociais.

O Nacionalismo quer a Fé e a Razão com o Estado, basea-se na disciplina, na hierarquia e na autoridade; o Coletivismo impõe uma vida trágica, heroicamente movimentada em prôl da aspiração da massa e o Individualismo deseja a paz e a felicidade do pai junto á família. Não há dúvida que o choque resultou de uma evolução física muito maior do que moral. O mundo físico quer arrastar velozmente uma bagagem viva que a Natureza estratificou com uma evolução lenta.

Urge satisfazer biologicamente ao homem para orientar a massa a facilitar ao Estado criar a estabilidade geral. A questão econômica é correlata do problêma político. Não há espada que mantenha a fome recaldada, não existe govêrno firme sôbre a miséria. O gráu de liberdade que a democracia imprimiu no espírito do pôvo, o direito ao relativo bem estar que a espécie humana merece, a diversificação das exigências de conforto com os utensílios que a ciência inventou para contentar o indivíduo forçam-nos a proporcionar a cada habitante os elementos de trabalho e de produção, para que êle obtenha o que deseja. A gente rural pôbre, que não tem ganho certo e nem meios de trabalhar, é a parte da população que mais necessita estudo e mais merece atenção, porque é a questão social amarga da atualidade. Si a simples divisão da terra resolvesse o problêma, a Rússia não estaria ainda, depois de vinte anos, procurando o seu caminho. O que se verifica é que o comunismo colocou o grande Império dos Tzares numa condição caótica, tanto sob o ponto de vista moral como econô-

mica. A terra, no jôgo da produção agrícola, um bom trunfo, mas não é tudo. E' preciso adicionar-lhe um pouco de técnica, de sapiência administrativa, de habitualidade comercial, de bom tempo e de auxílio mútuo entre os que do solo vivem. O uso da terra e não decantar a sua riqueza, o benefício coletivo da máquina e não a sua condenação, a compreensão da cooperação e não o egoísmo, são os fatores que pódem salvar o agrário póbree.

O homem que vive nas estradas com a família às costas, mastigando a fome e tendo galhos retorcidos por tétó, chegou no último gráu da humilhação humana — é mendigo. Muitas vezes a desgraça e o infortúnio aparecem porque o indivíduo quer trabalhar e não encontra ambiente nem meios. E, então, o nordestino procura outros Estados, vai para o Amazonas ou para o Sul, na busca de serviço e ganho mais seguro. A retirada contínua dêstes homens da Paraíba diminue a possibilidade de expansão de lavoura nêste Estado, enfraquece a produção local porque o braço é o maior fator da produção, porque o trabalho também representa capital na agricultura. Reter o homem aqui, evitar esta sangria humana, procurar um ambiente propício para o desenvolvimento dos campos, fazer tudo isso é dar o maior passo para uma elevada política colonizadora.

Existindo terrenos incultos, havendo a possibilidade de aos poucos implantar-se uma indústria de fundo agrícola, que vai exigir gente mais tarde, é sobremento aconselhável fomentar a sementeira humana para futuras expansões em todos os ramos da atividade. Demora vinte anos para criar um trabalhador e si após êste tempo êle emigra, a Estado perde esta grande fonte de energia, a experiência local do indivíduo, seu conhecimento do meio e a parcela da sua produção para a grandeza coletiva.

Encontramo-nos ainda em estado de subpovoamento e o elemento restritivo da produção não é a terra, nem a água, nem a técnica e nem a máquina e sim o Homem com o seu preparo, sua saúde, sua vontade e seu trabalho. Sólo inculto há muito, e água se obtem com a, barragem e irrigação, a técnica se cria com o ensino e a máquina se compra. O Homem não se improvisa, porque é produto da Natureza, leva tempo para crescer e é insubstituível, física, moral e economicamente.

Há uma quantidade enorme de famílias pobres que veiu dos campos e quer, sem poder, viver nas cidades. Urge que êsse pôvo, anteriormente tão útil ao progresso do país, esqueça a frase "pedir emprêgo", e aprenda a necessidade de cultivar a terra e tirar dela o sustento, a paz e a tranquilidade. Êste desequilíbrio entre o campo abandonado e a cidade cheia de desocupados deve ser resolvido para sempre e do modo resolutivo. Trabalhos provisórios para dar de ganhar por alguns meses são paliativos ineficientes. Preparemos colônias agrícolas, demos meios ao pobre para trabalhar, mais também obriguemo-lo a não se afastar da terra em que nasceu e da faina a que êle está adaptado pelo exercício e pelo hábito. A obrigatoriedade de produzir bem sob boas condições sanitárias e técnicas é de absoluta necessidade para o homem ignorante e póbree. A liberdade para o indivíduo que não sabe ou não quer compreendê-la desastrosa, tanto para si como para o país. Menos liberdade, igualdade, fraternidade

e mais trabalho, obediência, cooperação. O brasileiro trabalha pouco, não fica onde se o põe, não auxilia ao Governo; pede emprego, pede passagens, pede esmolas, cria dificuldades ao Estado.

Si estamos na época da economia dirigida, a primeira coisa, entre nós, que deve ser obrigatória, é o trabalho.

A desgraça da liberal democracia foi ter imprimido na mente do povo um grau exagerado de liberdade de hábitos e de vida que ele não merece porque não está apto a gosar. Qual a autoridade do analfabeto para criticar o Governo? Com que direito o pai abandona os filhinhos e força o Estado a criar outros orfanatos? Por que o vadio pôde passar o dia assentado na praça?

Si cada um faz o que quer o conjunto tem de ser prejudicado nalgum ponto e a harmonia geral torna-se impossível.

Enquanto não temos um parque industrial dando múltiplas ocupações — é imprescindível colocar o povo na lavoura, pelo menos para produzir alimento, roupas, dar o sossego e evitar outros problemas.

Só em transportes dos desocupados ou desajustados quanta energia desperdiçada e quanta dificuldade fomentada?

Indubitavelmente a idéia do lucro fácil, da procura ilusória do conforto noutras partes são também fatores de movimentação da população.

COLONIZAÇÃO DE CAMARATUBA — No dia em que o Dr. Ruy Carneiro traçou, em palácio, o plano de colonização agrícola do Vale do Rio Camaratuba, nós sentimos o estirpe de estadista que tínhamos á nossa frente. Ele idealizou a água correndo, o rio saneado, as casas construídas, o agrônomo preparando a terra, a escola, a cooperativa, o medico levantando a sade do homem, a colheita abundante, e a família pôber mais feliz.

Nenhum problema é mais importante do que este no momento, porque ele sintetiza todos os outros. Os vales úmidos e férteis do litoral, como Camaratuba, Gramame, Mumbada e outro e as bacias de irrigação dos açudes, no interior, são os pontos de colocação da gente agrária, pobre, a fim de estabilizar a produção e a economia estadual futura.

Podemos dividir esta parte da população em (a) famílias agrárias, (b) famílias que preferem a indústria, (c) elementos viciados que não querem trabalhar (caso de polícia) e (d) doentes e incapazes.

Toda terra mal aproveitada, em que haja água ou chuva normal, deve ter o seu uso forçado pelo governo, pela colonização organizada e dirigida, com assistência técnica, médica, produção e venda pelo sistema cooperativista, a fim de fixar o brasileiro na sua terra, para que tenha conforto e contribua eficaz— mente para a economia do Estado. E foi exatamente inspirado nessa necessidade que o interventor Ruy Carneiro, compreendedor que é dos nossos magnos problemas administrativos, traçou e está fazendo executar a plano da colonização agrícola do Vale do Camaratuba, para fixar á gleba o homem rural da Paraíba e melhorar-lhe a vida.

Para o bom êxito da colonização tornam-se necessários a seleção da família, o controle técnico por um agrônomo, o ensino elementar das práticas agrícolas aprovadas na região, o auxílio

mútuo na produção, compra e venda por uma cooperativa com boa orientação comercial, a assistência médica, a aplicação da máquina para aumentar o rendimento e, si possível, a transformação dos produtos em mercadorias industrializadas, para maior lucro.

A seleção do elemento humano é o principal fator, porque si o homem ou a mulher não tem prazer na lavoura e em viver no campo, não tem o espírito de harmonia para com os seus vizinhos e si possui vícios que prejudicam a coletividade, então o sucesso da empresa é impossível.

Não podem ser permitidos o comércio e o uso do alcool, e nem a jogatina. E' conveniente providenciar também a construção de campos de foot-ball, voley e reuniões sociais, nos dias sem trabalho, para distrair os colonos da bebida e do jogo.

Naturalmente quanto maior for o número de indivíduos válidos na família, maior é o seu valor para a colonização.

Na parte de saúde, o enfermeiro deve visitar diariamente um grupo de casas para apilcar remédios, verificar a higiene, o tratamento das crianças e dar conselhos úteis á família.

O agrônomo deverá fazer reuniões semanais com os colônos para explicar-lhes medidas administrativas, de ordem moral, dar conselhos, ouvir as reclamações e auscultar os desejos de cada um. As famílias devem reunir-se uma vez por mês no local indicado pelo agrônomo para ouvir uma preleção sôbre os deveres das mulheres e crianças para com a casa, a escola, o chefe da família e a vida da colônia. Como a colônia já possui uma capêla, logo após a missa a melhor ocasião para esta reunião. A assistência técnica á lavoura, por parte do Administrador da colônia, far-se-á mediante explicações, no campo, das práticas elementares da aração, gradação, plantio, sementeiras, capinas, colheita e beneficiamento dos produtos. Deve ser esta uma fórmula de ensino muito gradual, modesta e prática. As primeiras máquinas serão fornecidas pelo govêrno, porém a sua conservação, reforma e substituição processar-se-ão por uma quota tirada dos 20 % da produção in natura que o colôno entrega á coope- rativa, para a manutenção da colônia.

Os meninos não terão simplesmente aulas de alfabetização; êles receberão, três vezes por semana, do auxiliar-técnico, uma aula prática de campo, com explicação e exercícios de todas as operações agrícolas que sejam necessárias á produção na colô. Além disto, a formação de hábitos higiênicos, esportivos, religiosos serão estimulados em todos os habitantes como meios de criar uma atmosfera própria para a vida progressiva daquela coletividade. Sanear, educar, produzir para a colônia — esta deve ser a finalidade suprema da administração.

A cooperativa envolve todas as atividades comerciais da colônia. Ninguém compra nada de fóra, nem vende nada para fóra, nem toma dinheiro emprestado — que não seja por intermédio da cooperativa. Portanto, esta de natureza mixta: produção, venda e crédito. E' obrigatório cada colôno ser sócio da cooperativa, sem o que ali êle não trabalha. Cada Colôno terá uma conta corrente a cooperativa: toda a sua colheita é ali entregue para ser vendida, alí êle compra os objéto para seu uso,

ali também ele toma dinheiro ou deposita as suas economias. A cooperativa é o pivot da vida comercial e financeira. Na verdade, para o homem ignorante o cooperativismo tem de ser um pouco compulsório e a tutela administrativa, técnica e moral da colônia precisa ser exercida pelo chefe com brandura e firmeza, com amor e rigor. E' evidente que a vitória de uma colônia agrícola não depende só da qualidade da família, mas também do senso da prudência, da habilidade, do respeito e da força moral de quem a dirige.

Um exemplo vale mais do que dez discursos.

Uma palavra na hora oportuna tem mais efeito do que muitas repreensões. Saber desviar as contendas antes que elas surjam, provocar o aparecimento espontâneo das boas idéias e das boas ações entre os habitantes sem dizer uma palavra não é fácil.

Muita instrução falada ou escrita, ordenar tudo pessoalmente não são meios adequados para trazer a harmonia. Muita coisa deve vir dos colônos para que sintam que são os dirigentes, que teem responsabilidades por si e pelos outros. O homem do campo deixa-se levar muito frequentemente pelo coração; uma visita que se lhe faça quando está doente nunca é por ele esquecida; um elogio oportuno vale como um bom estímulo; o trato amigável atrai muitas vezes o rebelde.

A assiduidade ao trabalho, os deveres para com a família e o cumprimento das obrigações para com a cooperativa consti- tuiem o triângulo básico do bom êxito da colônia.



EMBRATER

Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural
Vinculada ao Ministério da Agricultura

F I M

SISTEMA NACIONAL DE
INFORMAÇÃO RURAL



SISTEMA NACIONAL DE INFORMAÇÃO
E DOCUMENTAÇÃO AGRÍCOLA
PROJETO PN-DI-CABRA 12-0205

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)